

REVISÃO SISTEMÁTICA, INTEGRATIVA E DE ESCOPO

PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN E A EXPRESSÃO DE SUA SEXUALIDADE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

PEOPLE WITH DOWN SYNDROME AND THE EXPRESSION OF THEIR SEXUALITY: AN INTEGRATIVE LITERATURE REVIEW

LAS PERSONAS CON SÍNDROME DE DOWN Y LA EXPRESIÓN DE SU SEXUALIDAD: UNA REVISIÓN BIBLIOGRÁFICA INTEGRADORA

Carlos Eduardo da Silva-Barbosa¹  Luciene Alves Miguez Naiff² 

Resumo: O objetivo desta pesquisa foi levantar, por meio da literatura, as maneiras como as pessoas com SD expressam a sua sexualidade. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, na SciELO, LILACS, MEDLINE, IBECs, PUBMED CENTRAL e DOAJ, além dos PePSIC. Os descritores em Ciências da Saúde utilizados foram: “Síndrome de Down” e “sexualidade”, combinados pelo operador booleano AND. Foram encontrados 80 artigos. Após os critérios de elegibilidade, oito artigos compuseram a revisão. Os resultados emergiram as seguintes categorias: masturbação, contato físico constante, consumo da pornografia e comportamento exibicionista. Entre elas foi possível observar gestos de proximidade, expressões sentimentais, romantismo, preocupação com o/a parceiro/a, discussão sobre namoro e relacionamentos, verbalização do desejo em formar famílias e ter filhos, além de alguns gestos obscenos e exposição de partes do corpo, e interação em redes sociais. Conclui-se que as pessoas com SD não se diferem das outras sobre seus sentimentos e desejos. É necessário que responsáveis, familiares e educadores acessem informações acerca de dúvidas e questões sobre essa temática, assim como é necessário a ocupação de pessoas com SD no seu lugar de fala para poderem se expressar e serem ouvidas em seus anseios e dúvidas concernentes às relações afetivas e sexuais.

Palavras-chave: Síndrome de Down; Sexualidade; Pessoas com Deficiência.

Abstract: The aim of this research was to survey the literature on the ways in which people with DS express their sexuality. An integrative literature review was carried out in SciELO, LILACS, MEDLINE, IBECs, PUBMED CENTRAL and DOAJ, as well as PePSIC. The Health Sciences descriptors used were: "Down's Syndrome" and "sexuality", combined by the Boolean operator AND. A total of 80 articles were found. After meeting the eligibility criteria, eight articles made up the review. The following categories emerged from the results: masturbation, physical contact, pornography consumption and exhibitionist behavior. Among them, it was possible to observe gestures of closeness, sentimental expressions, romanticism, concern for the partner, discussion about dating and relationships, verbalization of the desire to form families and have children, as well as some obscene gestures and exposure of body parts, and interaction on social networks. The conclusion is that people with DS are no different from other people in terms of their feelings and desires. It is necessary for guardians, family members and educators to have access to information about doubts and questions on this subject, as well as for people with DS to occupy their place of speech so that they can express themselves and be heard in their desires and doubts concerning affective and sexual relationships.

Keywords: Down Syndrome; Sexuality; People with Disabilities.

Resumen: El objetivo de esta investigación fue investigar la literatura sobre las formas en que las personas con SD expresan su sexualidad. Se realizó una revisión bibliográfica integradora en SciELO, LILACS, MEDLINE, IBECs, PUBMED CENTRAL y DOAJ, además de PePSIC. Los descriptores de Ciencias de la Salud utilizados fueron: "Síndrome de Down" y "sexualidad", combinados por el operador booleano AND. Se encontró un total de 80 artículos. Siguiendo los criterios de elegibilidad, ocho artículos conformaron la revisión. De los resultados surgieron las siguientes categorías: masturbación, contacto físico,



¹Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Seropédica, RJ; Pós-graduado em Sexualidade e Psicologia e Psicologia Infantil. Centro Universitário - UNIABEU, Belford Roxo - RJ, Brasil. psico.carloseduardo@gmail.com

²Pós-doutora em Psicologia. Universidade de Lisboa – Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, Portugal. Professora Associada da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; Professora Permanente do Programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. lunaiff@hotmail.com

consumo de pornografia y comportamiento exhibicionista. Entre ellas, fue posible observar gestos de proximidad, expresiones sentimentales, romanticismo, preocupación por la pareja, discusión sobre citas y relaciones, verbalización del deseo de formar familias y tener hijos, así como algunos gestos obscenos y exposición de partes del cuerpo, e interacción en redes sociales. La conclusión es que las personas con SD no son diferentes de otras personas en cuanto a sus sentimientos y deseos. Es necesario que cuidadores, familiares y educadores tengan acceso a la información sobre dudas y preguntas sobre este tema, así como que las personas con SD ocupen su lugar de palabra para que puedan expresarse y ser escuchadas en sus deseos y dudas sobre las relaciones afectivas y sexuales.

Palabras clave: Síndrome de Down; Sexualidad; Personas con Discapacidad.

Introdução

Em 1866, John Langdon Down identificou a Síndrome de Down (SD), também conhecida como trissomia do cromossomo 21, devido a uma anomalia genética que resulta em uma variação na divisão celular. Em vez de um par de cromossomos no cromossomo 21, os indivíduos afetados possuem um trio, totalizando 47 cromossomos, em contraste com os 46 cromossomos típicos da maioria da população (Silva; Dessen, 2002).

A palavra “síndrome” representa um conjunto de sinais e sintomas e “Down” é atribuída ao primeiro pesquisador que descreveu esse conjunto de sinais e sintomas em pessoas com SD. Nos primeiros anos dos estudos, esse conjunto de sinais e sintomas era referido como “mongolismo”, e as pessoas chamadas de “mongoloides”, termo que causou enorme prejuízo no combate ao preconceito às pessoas com SD e aumentou a discriminação. Por isso, a partir de lutas iniciadas em movimentos sociais e entre familiares, o termo caiu em desuso e, atualmente, sua utilização é considerada capacitismo devido ao sentido pejorativo que carrega (Brasil, 2013). Na contemporaneidade, é estimado que, a cada mil pessoas nascidas vivas, uma delas pode nascer com SD. Já no território brasileiro, nasce uma criança com SD entre 600 e 800 pessoas (Brasil, 2013).

Com o aumento das tecnologias assistivas e dos programas de saúde, a estimativa de vida da população com SD tem crescido consideravelmente, chegando geralmente a 60 a 70 anos. Já no século passado, a expectativa de vida era de no máximo até os 30 anos. O aumento se dá por uma maior rede de cuidados, que inclui o acompanhamento multiprofissional de profissionais de saúde, além do interesse dos pais e cuidadores em buscar informações (Ramos; Muller, 2020).

As características predominantes na SD incluem déficits no desenvolvimento intelectual, comprometimento no desenvolvimento motor, dificuldades na linguagem e fala, fraqueza muscular, baixa estatura, sobrepeso, características faciais distintas como fenda palpebral oblíqua, face arredondada, orelhas pequenas, nariz achatado e língua grande. Além disso, são comuns hipotireoidismo, mãos pequenas com dedos curtos, prega palmar única, excesso de pele no pescoço e distância larga entre o primeiro e segundo dedos dos pés, além de possíveis deficiências visuais e auditivas (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2020). Algumas dessas características podem ser observadas na Figura 1.

Figura 1 - Características fenotípicas de uma criança com SD



Fonte: Sociedade Brasileira de Pediatria (2020).

As pessoas com deficiência precisam de uma sociedade inclusiva que as favoreça a atingir toda a sua potencialidade. Nesse sentido, o apoio familiar e o ambiente ao redor desempenham um papel crucial em seu desenvolvimento. A colaboração da comunidade escolar é especialmente importante para promover sua socialização, pois, desde pequenas, as pessoas com SD precisam ser estimuladas cognitivamente, emocional e socialmente, além da importância de exercerem seus direitos na socialização no ambiente externo (Silva; Dessen, 2002). Além do direito ao ensino, pessoas com deficiência têm direito a serem inseridas no mercado de trabalho, tendo isso assegurado pela Lei Brasileira de Pessoas com Deficiência (Brasil, 2015).

Todavia, sabe-se que por mais que as pessoas com deficiência tenham direitos assegurados à educação, lazer, trabalho e sexualidade, essa inclusão, muitas vezes, não está acessível para todas (Neto et al., 2023).

O exercício da sexualidade e a educação em sexualidade estão contemplados na Declaração Universal dos Direitos Humanos (Neto et al., 2023). A sexualidade está presente no ser humano desde o seu nascimento, corroborando para o pleno desenvolvimento individual e coletivo da sociedade (Figueiró, 2009).

É essencial reconhecer a sexualidade das pessoas com SD, permitindo-lhes experimentar liberdade, prazer e satisfação ao longo de suas vidas, pois é uma característica fundamental do desenvolvimento humano, e não deve se limitar apenas aos aspectos biológicos ou à genitalidade. Ela abrange prazeres, sentimentos, afetos e relações, transcendendo a mera atividade sexual (Figueiró, 2009). Desconsiderar a sexualidade é reprimir os desejos, prazeres e diversas formas de satisfação.

O capítulo II, artigo 6º, da Lei Brasileira de Pessoas com Deficiência, assegura os seguintes direitos quanto à expressão da sexualidade:

- I - Casar-se e constituir união estável;
- II - Exercer direitos sexuais e reprodutivos;
- III - Exercer o direito de decidir sobre o número de filhos e de ter acesso a informações adequadas sobre reprodução e planejamento familiar;
- IV - Conservar sua fertilidade, sendo vedada a esterilização compulsória;
- V - Exercer o direito à família e à convivência familiar e comunitária;
- VI - Exercer o direito à guarda, à tutela, à curatela e à adoção, como adotante ou adotando, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas (Brasil, 2015, Art 6º).

O exposto acima mostra que a sexualidade das pessoas com deficiência deve ser encarada como um direito inerente ao ser humano, e não como uma concessão. É nesse sentido que o filósofo Foucault entende a sexualidade como o uso do corpo e de seus prazeres. No caso das pessoas com deficiência, elas vivenciam um recrudescimento do controle social em diversas instituições como famílias, escolas, religiões, entre outras (Zuin; Denare; Vicente, 2021).

A sexualidade das pessoas com deficiência, a partir do exposto acima, é, portanto: um direito a ser defendido em uma sociedade inclusiva; um campo de luta; um espaço de representatividade e de expressão. O que encontramos nas representações sociais circulantes em nosso meio social é reflexo de uma construção histórica que sempre colocou a pessoa com deficiência como tendo alguma limitação, defeito, falta e incapacidade funcional (Zuin; Denare; Vicente, 2021). No entanto, o argumento é o oposto, a limitação e a incapacidade da sociedade em não permitir a inclusão com iguais direitos a todos. Todas as pessoas têm necessidades, mas vivemos em uma sociedade que não favorece as necessidades de todas. Classifica, subjuga, oprime e exclui aqueles que, por relações desiguais de poder, foram minorizados. Nesse bojo, incluímos muitos grupos minorizados socialmente e, em especial, como foco do presente estudo, as pessoas com SD. Portanto, é indispensável promover estudos que incentivem a inclusão das pessoas com SD e outras deficiências, abordando temas como sexualidade e deficiência, muitas vezes considerados tabus pela sociedade. Esses estudos devem encontrar espaço não apenas em esferas acadêmicas, mas também em ambientes sociais, visando a compreender como as pessoas com SD expressam sua sexualidade. Dito isso, o objetivo desta pesquisa é levantar, por meio da literatura, resultados de pesquisas empíricas que identificam as maneiras como as pessoas com SD expressam a sua sexualidade.

Acreditamos que realizar uma pesquisa como esta pode contribuir socialmente para a desconstrução de preconceitos e estigmas; para a promoção de educação e informação; para reflexões sobre os direitos sexuais das pessoas com SD; na conscientização sobre o apoio psicológico e emocional necessitado; na melhoria na qualidade de vida; nas relações interpessoais; na personalização de assistência e cuidados e na inclusão e representatividade das pessoas com SD. Os resultados da pesquisa podem auxiliar na garantia dos direitos sexuais das pessoas com deficiência, que devem ser assegurados e respeitados. Os profissionais de saúde, educadores e cuidadores podem ser estimulados a oferecer cuidado mais humanizado e respeitoso frente às necessidades das pessoas com deficiência. Além de colaborar por uma sociedade mais inclusiva e para que as pessoas com deficiência sejam representadas e tenham voz mediante as suas necessidades e desejos.

Metodologia

Trata-se de um estudo de revisão integrativa da literatura, realizado entre os meses de dezembro de 2023 e janeiro de 2024, de abordagem qualitativa, e de natureza exploratória e descritiva. Esse tipo de estudo possibilita que os pesquisadores realizem uma extensa busca na literatura, permitindo a inclusão de pesquisas experimentais e não experimentais, compreendendo a análise aprofundada do assunto explorado (Souza; Silva; Carvalho, 2010).

Para a construção desta revisão integrativa, foram seguidas as seis etapas sugeridas por Ercole, Mello e Alcoforado (2014): seleção do tema e elaboração da pergunta que irá nortear a pesquisa; escolha dos critérios de inclusão e exclusão dos artigos; categorização dos estudos que foram selecionados; análise dos estudos inseridos; explanação dos principais resultados e apresentação da revisão da literatura.

A pergunta norteadora foi elaborada a partir do acrônimo PICO (população, interesse e contexto), a partir da seguinte indagação: Como pessoas com Síndrome de Down expressam a sua sexualidade?

O levantamento bibliográfico transcorreu na biblioteca *Scientific Electronic Library On-line* (SciELO), nas bases de dados *Medical Literature Analysis and Retrieval System On-line* (MEDLINE), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Índice Bibliográfico Español em Ciencias de la Salud* (IBECS); *Directory of Open Access Journals* (DOAJ) e PubMed Central, localizadas no Portal de Periódicos da CAPES acessadas por intermédio da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), além dos Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC).

Os Descritores em Ciências da Saúde (DeCs) empregados foram: “sexualidade” e “Síndrome de

Down”, combinados pelo operador booleano AND. Para os critérios de inclusão adotaram-se: artigos completos e com leitura de forma gratuita; estudos produzidos no século XXI (últimos 23 anos), visando a averiguar o que os estudos mais atuais apresentam sobre a expressão da sexualidade de pessoas com SD; textos nos idiomas de língua inglesa, portuguesa e espanhola. Os critérios de exclusão foram definidos a partir de: artigos incompletos, textos não disponibilizados gratuitamente, estudos duplicados; artigos de revisões da literatura; literaturas não avaliadas por pares (teses de doutorado, dissertação de mestrado, capítulos de livro, cartas editoriais e publicações em anais); e artigos que não estavam consoante o objetivo e temática desta pesquisa.

Inicialmente foram encontrados 80 artigos, 33 na DOAJ, 13 na LILACS, 12 NA MEDLINE, nove no IBECs, oito na PubMed Central, cinco na SciELO e nenhum no PePSIC. Após a primeira análise, dois artigos foram descartados pelos idiomas e três por estarem incompletos, restando 75 para leitura completa. Após o início do processo de leitura, 24 artigos foram excluídos por estarem duplicados, 25 por estarem incompletos, 12 pela temática, quatro por serem estudos de revisão bibliográfica e dois por não por estarem disponíveis gratuitamente. Desse modo, oito artigos compuseram o resultado da presente revisão integrativa (FIGURA 2).

Concernente à análise de dados, os artigos emergentes da presente revisão integrativa serão organizados em quatro categorias de análises: 1 masturbação; 2 contato físico constante; 3 consumo da pornografia; 4 comportamento exibicionista.

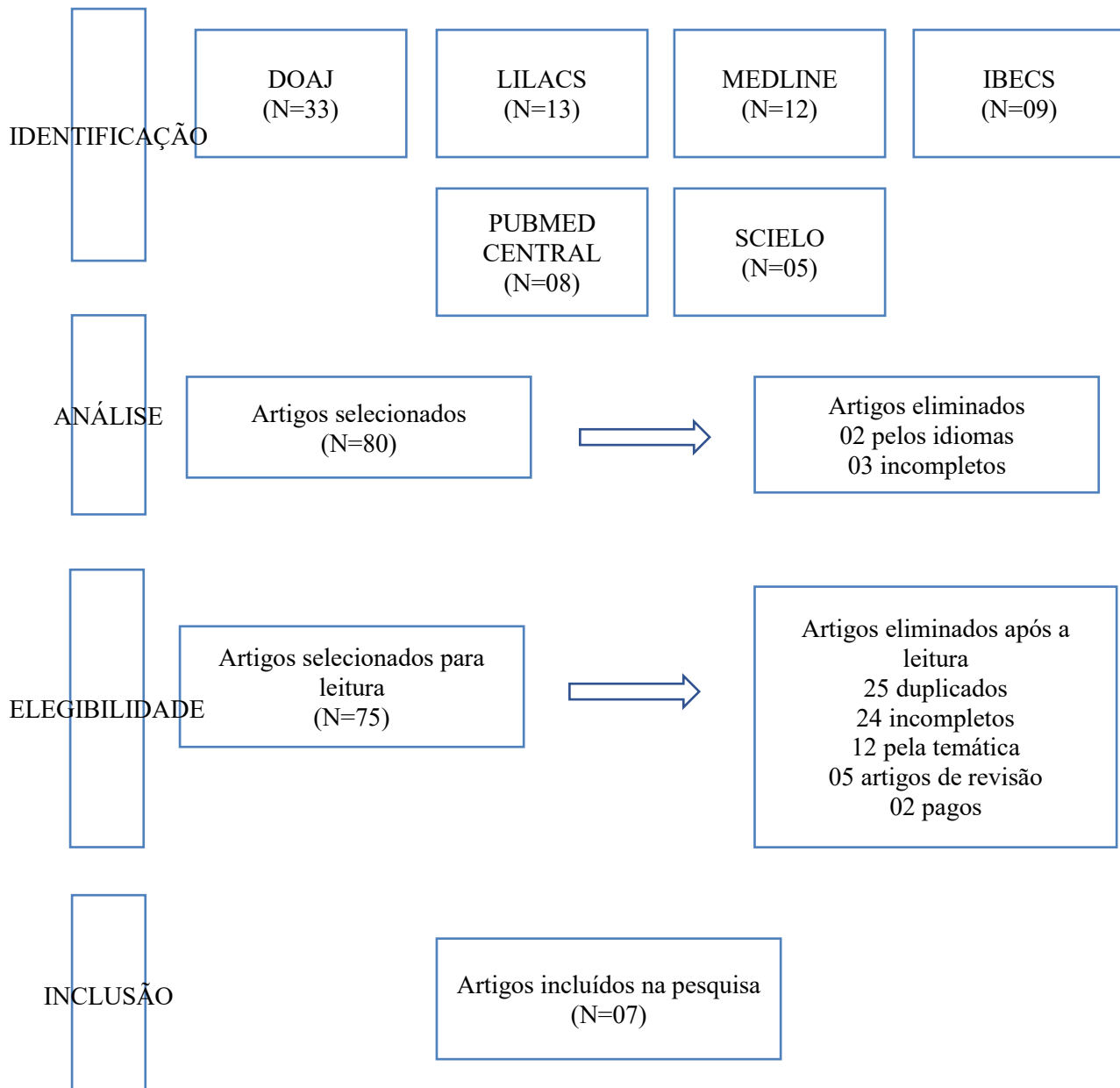


Figura 2 - Fluxograma dos artigos levantados nas bases de dados

Fonte: Autores (2024).

Resultados

No Quadro I será apresentado as principais informações concernentes aos oito artigos que compuseram o resultado final, sendo apresentado o ano, autores, título do artigo, revista e objetivos.

Quadro I – Distribuição das principais informações obtidas nos artigos desta revisão integrativa

Ano	Autores	Título	Revista	Objetivos
2003	Castelão; Schiavo; Jurberg.	Sexualidade da pessoa com síndrome de Down	Revista de Saúde Pública	Verificar por meio dos pais e profissionais as opiniões a respeito da sexualidade das pessoas com síndrome de Down (SD) e discernir como elas expressam a sua própria sexualidade.
2007	Luiz; Kubo.	Percepções de jovens com síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente.	Revista Brasileira de Educação Especial	Analisar quais as percepções e opiniões dos jovens com síndrome de Down sobre relacionamentos afetivos.
2008	Leme; Cruz.	Sexualidade e síndrome de Down: uma visão dos pais	Arquivo Ciências da saúde	Analisar quais as percepções e opiniões dos jovens com síndrome de Down sobre relacionamentos afetivos.
2009	Pérez; Baró.	Estrategia de intervención educativa sobre la sexualidad en niños con el síndrome de Down	Revista Cubana de Medicina General Integral	Apresentar métodos educativos aos pais e cuidadores para que lidem melhor com a manifestação e expressão da sexualidade dos filhos.
2010	Prioste.	Educação inclusiva e sexualidade na escola – relato de caso	Estilos da Clínica	Ampliar o olhar sobre o lugar da sexualidade na escola.
2016	Silva; Paixão; Vilella.	Percepção das mães quanto à sexualidade de seu filho adolescente com Síndrome de Down	Revista Ciências em Saúde	Identificar o conhecimento e a percepção das mães quanto à sexualidade de seu filho, portador da Síndrome de Down, nas cidades do Sul de Minas Gerais.
2022	Wagner; Novatti.	¿Quién no quiere tener sexo?	Revista Internacional sobre Subjetividade, Política e Artes	Analisar sobre a sexualidade nas pessoas com deficiência e sua autonomia na tomada de decisões sobre o próprio corpo e no respeito à sua vontade.
2023	Baltar, <i>et al.</i>	Educação Sexual: Dificuldades dos Pais de Jovens com Síndrome de Down	Psicologia: Ciência e Profissão	Conhecer as dificuldades e barreiras dos pais para a educação em sexualidade dos filhos jovens com Síndrome de Down.

Fonte: Autores, 2024.

A seguir os resultados serão discutidos e analisados nas categorias emergentes, nos artigos que compuseram esta revisão integrativa.

Masturbação

Leme e Cruz (2008) acreditam que uma das principais formas de as pessoas com SD expressarem a sua sexualidade é por meio da masturbação. A vista disso, os autores destacam a preocupação dos pais e cuidadores com o ato. Isso ocorre devido à conotação negativa que a masturbação carrega, sendo cercada de suposições como pecado, pelos nas mãos, acnes no rosto, entre outros aspectos.

A masturbação pode ser considerada uma manifestação natural do desejo, que auxilia na obtenção do prazer e alívio de tensões, além de aumentar o conhecimento sobre si e sobre seu corpo. A masturbação, praticada pelas pessoas com SD, é predominante por expressar a sua sexualidade de maneira controlada pelos familiares, o que faz com que elas recorram a essa prática e expressem sua sexualidade de maneira individual e isolada (Leme; Cruz, 2008).

Além do mencionado, os autores discutem uma percepção prevalente na sociedade de que a sexualidade das pessoas com SD e outras formas de deficiência é categorizada em dois extremos: assexuada e hipersexualizada. Na perspectiva da assexualidade, essas pessoas são frequentemente vistas como infantilizadas e ingênuas; enquanto na hipersexualidade, é acreditada que apresentem comportamentos impulsivos e descontrolados. Essas ideias tendem a desencorajar as pessoas com SD de expressarem sua sexualidade de maneira livre e saudável, por receio de que se envolvam em práticas sexuais de forma compulsiva.

Castelão, Schiavo e Jurberg (2003) informam que 58,13% dos pais e 71,13% dos profissionais consideram que a expressão da sexualidade dos filhos é semelhante à de outras pessoas. Entretanto, 10,84% dos pais e 0,86% dos profissionais pensam que as pessoas com SD dispõem de uma sexualidade nula, sendo tidas como assexuadas. Além disso, 3,68% dos pais e 0,86% dos profissionais entendem que a sexualidade dessas pessoas existe, todavia, consideram que deve ser reprimida e controlada. Essas informações revelam que os profissionais tendem a ter uma visão mais flexível sobre o tema em comparação com os pais, que demonstram mais apreensão. Esses profissionais de saúde consideram a masturbação como maneira saudável de expressar a sexualidade, desde que sejam orientados sobre esse momento de intimidade.

Devido ao fato das pessoas com SD serem controladas pelos pais e cuidadores, pode ser difícil que elas usufruam do ato sexual, recorrendo à masturbação como a única forma de expressar a sua sexualidade e descobrir prazer (Castelão; Schiavo Jurberg, 2003). Baltar *et al.*, (2023), em relação à educação em sexualidade, apresentam em seu artigo o diálogo dos pais e cuidadores com os filhos sobre o ato, explicando entender com naturalidade a necessidade dos filhos, mas explicando a necessidade de ser um momento íntimo, que não deve ser realizado perto de outras pessoas e em locais públicos.

Contato físico constante

Uma expressão comum da sexualidade em pessoas com SD, encontrada nos estudos consultados, é o excesso de contato físico com outras pessoas, muitas vezes demonstrado por gestos de carinho e constante busca por contato corporal. Além disso, pode ocorrer o desejo de tomar banho com familiares e pessoas próximas, com o intuito de observar corpos nus (Pérez; Baró, 2009). Pérez e Baró (2009) observam que, devido às restrições impostas pelas pessoas ao seu redor, as pessoas com SD muitas vezes recorrem a situações que não envolvem outras pessoas para explorar sua sexualidade.

Luiz e Kubo (2007), ao entrevistarem jovens com SD, relataram como predominante o desejo de contato físico e de estarem próximos das pessoas que querem se relacionar. Em um desses casos, um casal de jovens com SD relata que só desejam ter relações sexuais futuramente, que, no momento, gostam de ficar juntos, de fazer carinho, cafuné, dar beijos, abraços, pegar nas mãos, entre outros contatos. Um dos jovens entrevistados informou o desejo de proximidade e contato físico com sua suposta namorada, informando alterações no próprio corpo ao se aproximar dela, dizendo começar a tremer. Outros jovens entrevistados reafirmaram a intenção de ter contato com as pessoas que sentem desejo e atração, além de verbalizarem

expressões de sexualidade baseadas em respeito, carinho, preocupação com o outro, fidelidade e de expressar romantismo.

Além do contato com outras pessoas, Baltar *et al.* (2023) ratificam que há ocasiões em que as pessoas com SD buscam contato em quinas de móveis e objetos, esfregando suas partes íntimas. Tal fato gera preocupação nos pais e cuidadores, por acharem seus filhos hipersexualizados e descontrolados. A ausência de oportunidades reflete a privação de momentos em que poderiam vivenciar o despertar das sensações em seus corpos, como em situações de namoro, algo tão natural e frequente entre os casais, quando o carinho e a proximidade são expressos de maneira íntima, frequentemente chamada de “amassos”.

Consumo da pornografia

Silva, Paixão e Vilella (2016) relatam em seu estudo as falas dos pais de pessoas com SD, que declaram a vigilância constante em seus filhos, dado que eles expressam sua sexualidade por meio das redes sociais, ao se comportarem por meio de “cantadas” para algumas pessoas, além de, com frequência, relatarem estar apaixonados por diversas pessoas. Além disso, os responsáveis alegam que seus filhos acessam sites pornográficos e acordam molhados, devido à ejaculação. Pais e responsáveis relatam situações em que observaram seus filhos folheando revistas eróticas, acessando sites pornográficos e assistindo a cenas de relações sexuais na televisão. Tal fato não deve ser considerado incomum, visto que adolescentes e adultos jovens geralmente consomem a pornografia para estimular suas fantasias eróticas e sexuais.

Baltar *et al.* (2023) mencionam que há situações nas quais as pessoas com SD são apresentadas e ensinadas por familiares e amigos sobre como acessar os conteúdos pornográficos. Prioste (2010) acredita que há uma suposta liberação sexual, que está engendrada na cultura, pois se fala de sexo nas mídias, nas músicas com conteúdos eróticos, nas cenas de televisão, isso faz com que pessoas com ou sem deficiência tenham o contato com a pornografia.

Comportamento exibicionista

Prioste (2010), em seu estudo de caso, expõe o relato de uma adolescente que expressa sua sexualidade por meio de gestos obscenos direcionados aos colegas de classe, além de mostrar os seios com frequência. A jovem mencionada apresenta, constantemente, gestos de conotação sexual, o que causa euforia nos colegas de classe. Tais comportamentos geram irritabilidade nas professoras, pois elas pensam que pessoas com deficiência devem estar em classes específicas para elas. Tal fato, corrobora para um pensamento de exclusão para o pleno desenvolvimento das pessoas com deficiência, pois a inclusão de alunos com deficiência, em aulas regulares, é primordial para uma educação inclusiva, independentemente de suas condições, para que esses alunos tenham acesso à educação de qualidade junto a seus pares. Existe a possibilidade de essas professoras não estarem preparadas, nem se sentirem confortáveis, o que deve ser levado em consideração, no caso de uma intervenção educativa.

Luiz e Kubo (2007) abordam casos nos quais os jovens com SD sentem a necessidade de exibir seus relacionamentos para as pessoas observarem. Os autores citam falas desses jovens sobre o interesse em expor que estão em um suposto relacionamento. Sobre isso, os autores informam casos em que acontecem pedidos de namoro para os pais das pessoas com quem eles têm a intenção de se relacionar.

Wagner e Novatti (2022) analisaram a série *New Amsterdam*, no episódio intitulado “*Righteous Right Hand*”, citando o caso de uma jovem com SD, que tem a vida sexual ativa e, ao engravidar, expõe o desejo de abortar. A jovem manifesta comportamento exibicionista no hospital, falando abertamente sobre assuntos que envolvem sexualidade e relação sexual. Ao ser questionada pelo médico plantonista se o ato sexual foi consensual, a jovem diz: “Sim, quem não quer fazer sexo?”. Tal fala vai ao encontro do que é apresentado anteriormente, visto que as pessoas com SD tem a sua sexualidade ativa, assim como qualquer outra pessoa. O aborto acaba não acontecendo, pois, a tia da jovem, extremamente religiosa, diz que é errado abortar, fazendo com que a jovem não cometa o ato. Esse estudo se diferenciou dos demais, haja vista que neste a pessoa com SD não possui a sua sexualidade controlada e reprimida, mostrando desejo de escolhas sobre ser mãe (ainda que não concretizado), de falar sobre suas vontades na expressão da sexualidade. A situação

narrada mostra que uma mulher com Síndrome de Down, como qualquer mulher, está inserida em uma sociedade que tem estimulado a expressão da sexualidade por parte das mulheres, nos últimos tempos, antes impedidas de falar sobre seus desejos e expressá-los mais livremente.

Discussão

A masturbação nas pessoas com SD e demais deficiências intelectuais é entendida como uma forma de prazer, como mencionado anteriormente. Todavia, Bortolozzi e Vilaça (2020) salientam a importância dos pais/cuidadores em conversarem com seus filhos, ensinando que essa expressão da sexualidade é uma forma de intimidade, intimidade essa que não deve ser expressa em público. Alguns pais/cuidadores entendem e aceitam que essa prática poderá ser corriqueira na vida dos seus filhos, portanto, é necessário o diálogo para que os filhos compreendam que há determinadas manifestações que precisam ser realizadas em momentos de privacidade e intimidade.

Almeida (2008) complementa que as pessoas com SD veem na masturbação uma maneira de expressar sua sexualidade, que não deve ser reduzida somente a essa prática. O que elas precisam é de serem compreendidas como pessoas desejosas de se relacionarem afetivamente/sexualmente.

Ressalta-se que, também, os adolescentes e jovens sem deficiência, em muitos dos casos, descobrem prazer com toques nas áreas genitais, isso faz com que a masturbação seja entendida como uma manifestação que pode ser exercida por diversos grupos, em diferentes estágios da vida (Bastos; Deslandes, 2005). Tal reflexão nos faz compreender a masturbação como um comportamento que faz parte do desenvolvimento sexual de qualquer pessoa, não devendo causar escândalos ou represálias, visto que a masturbação pode contribuir para o conhecimento do próprio corpo, além de descoberta de prazer, redução da ansiedade sexual, empoderamento e autoestima, controle sobre seu prazer e liberação de tensão sexual.

Em relação ao contato físico constante, as pessoas com SD, com frequência, buscam estar juntas com quem querem se relacionar afetiva/sexualmente. Mota (2013) retrata o desejo das pessoas com SD em abraçar, beijar, andar de mãos dadas, fazer gestos de carinhos, passar o tempo juntos, entre outras coisas. Há casos nos quais esse contato constante ocorre com objetos, brinquedos, bonecos/as, simulando relacionamentos.

Quando se fala sobre a pornografia, sabe-se que, na maioria da população, ela é tratada com desaprovação, indiferença, podendo ser considerada como fonte de desconforto público, entre outros aspectos considerados negativos. Todavia, sexólogos e profissionais que atuam na área da sexualidade defendem alguns benefícios que a pornografia pode ter, desde que seja consumida com cautela, tais como: diminuição do estresse, estimulação à imaginação, maior conhecimento sobre o próprio corpo, sensação de liberdade, pode servir como uma fonte de educação em sexualidade, satisfação individual para pessoas solteiras e diminuição do comportamento sexual de risco (Baumel *et al.*, 2019).

Tanto a pornografia, quanto a masturbação, podem ocorrer de maneira isolada e/ou separada, mas há grandes chances de esses momentos ocorrerem em conjunto, quando as pessoas começam a assistir conteúdos pornográficos e por meio desse estímulo se masturbam. O cerne dessa discussão são os pais/cuidadores e a sociedade em geral, em acreditarem que as pessoas com SD e demais deficiências intelectuais são infantilizadas, assexuadas ou possuem sexualidade descontrolada. É importante pensar que tanto a pornografia quanto a masturbação podem surgir de uma falta de educação em sexualidade de modo adequado, além desse consumo ser induzido pelo isolamento e solidão, visto que essas pessoas podem experimentar certo isolamento social, momento no qual a pornografia pode surgir como uma ferramenta de prazer e satisfação pela falta de relacionamentos íntimos (Baumel *et al.*, 2020).

O comportamento exibicionista deve ser entendido com compreensão e sensibilidade, visto que o comportamento humano não deve ser generalizado, devido à sua complexidade. Entre as razões para as pessoas com SD exibirem o comportamento exibicionista, algumas hipóteses podem ser citadas, como a busca pela atenção, que pode ocorrer devido a uma possível baixa autoestima; uma falta de educação em sexualidade adequada, como dito anteriormente; necessidade de serem notados, entre outros (Maia; Aranha, 2005).

As pessoas com SD, por terem diferentes níveis em seu desenvolvimento cognitivo, podem ter dificuldades para entender normas e regras sociais. Além disso, algumas dessas pessoas podem ter dificuldade

em controlar seus impulsos, levando a momentos de exibição de partes de seu corpo, mesmo que não seja de maneira intencional ou de modo que esse exibicionismo seja consciente.

Considerações finais

Os estudos comprovaram que qualquer tentativa de embotar ou reprimir desejos de pessoas com deficiência e, neste estudo em particular, pessoas com SD, não é algo que favoreça a sua educação, além de ser uma violência. A conscientização dos direitos humanos e de como a sexualidade funciona pode ajudar, sobretudo, quem convive com pessoas com deficiência a desmistificar esse assunto.

Muitas vezes as intenções são justificadas como uma forma de proteção, mas ainda são capacitistas, na medida que não promovem a autonomia das escolhas dentro das possibilidades de cada indivíduo. As expressões predominantes da sexualidade das pessoas com SD foram evidenciadas pela masturbação, contato físico constante, consumo da pornografia e comportamento exibicionista. Dentro dessas categorias, foi possível observar os gestos de proximidade, expressões sentimentais, romantismo, preocupação com o/a parceiro/a, discussão sobre namoro e relacionamentos, verbalização do desejo em formar famílias e ter filhos, além de alguns gestos obscenos e exposição de partes do corpo, e interação em redes sociais.

É fundamental que pais, responsáveis, familiares e educadores recebam uma educação em sexualidade abrangente ao longo da vida, adaptada às diferentes fases de desenvolvimento e com sensibilidade para além das limitações da deficiência. Políticas públicas devem assumir o papel de favorecer o acesso a recursos e instruções adequadas para uma vivência da sexualidade sem entraves. Além disso, é crucial serem dados espaços e voz às pessoas com deficiência, que suas necessidades, desejos e dúvidas em relação às relações afetivas e sexuais sejam ouvidas e levadas em consideração, permitindo que expressem sua sexualidade do seu jeito.

É relevante destacar as limitações da pesquisa devido à escassez de literatura recente sobre o tema, especialmente nos últimos dez anos, o que levou este estudo a abranger um período mais amplo. Essa carência de dados mais recentes restringe uma análise mais aprofundada sobre a expressão da sexualidade das pessoas com SD no contexto atual, principalmente, pela forte influência das mídias digitais que se imbricaram com as possibilidades de práticas sexuais.

Outros pontos a serem destacados, referentes ao material consultado, são a carência de profissionais capacitados para lidarem com a educação em sexualidade, principalmente de pessoas com SD e demais deficiências. Além disso, nos estudos consultados, por vezes são mencionados termos que caíram em desuso ao se referir às pessoas com deficiência, tais como pessoas “portadoras” e “especiais”, o que pode mostrar desconhecimento, falta de atualização e até mesmo preconceito por parte dos autores e das figuras dos pais/cuidadores e professores que apareceram no material analisado, haja vista que o campo de lutas das pessoas com deficiência vem sempre pautando formas de diminuir preconceitos e expressões inadequadas de outrora.

Sendo assim, os resultados devem ser interpretados com moderação, necessitando de novas pesquisas sobre esta temática, em razão da sua relevância no caráter familiar, educacional e social. Sugere-se que novos estudos sejam feitos, principalmente, buscando descobrir como se dá a união estável entre as pessoas com SD, visto que, neste estudo, os resultados apontam para o desejo dessas pessoas em casarem e constituírem uma família. Além de estudos que busquem investigar a orientação sexual das pessoas com SD, mesmo que os artigos não mencionem com clareza, percebe-se uma forte inclinação de tratamento para todas as pessoas como heterossexuais.

Agradecimentos

Agradecemos às universidades nas quais atuamos e aos demais pesquisadores que constituem o nosso ofício no dia a dia.

Referências

- ALMEIDA, M. S. R. A expressão da sexualidade das pessoas com Síndrome de Down. *Revista Iberoamericana de Educación*, v. 46, n. 7, p. 1-8, 2008. Disponível em: <https://rieoei.org/historico/deloslectores/2101Almeida.pdf>. Acesso em: 28 maio. 2024.
- BALTAR, M. M. S. et al. Educação Sexual: Dificuldades dos Pais de Jovens com Síndrome de Down. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 43, p. 1-13, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/YdsVYfhCYHmWTZstynMCZM/?format=pdf>. Acesso em: 12 jan. 2024.
- BASTOS, O. M.; DESLANDES, S. F. Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica. *Ciência & saúde coletiva*, v. 10, p. 389-397, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/XkbPwRjxXcxcXwyp5knsyNk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 maio. 2024.
- BAUMEL, C. P. C. et al. Atitudes de Jovens frente à Pornografia e suas Consequências. *Psico-USF*, v. 24, p. 131-144, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psuf/a/Jpt5TYJSjkDbV5ckSDyvxhG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 maio. 2024.
- BAUMEL, C. P. C. et al. Consumo de pornografia e relacionamento amoroso: uma revisão sistemática do período 2006-2015. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, v. 13, n. 1, p. 1-19, 2020. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v13n1/04.pdf>. Acesso em: 28 maio. 2024.
- BORTOLOZZI, A. C.; VILAÇA, T. Educação Sexual na Educação Inclusiva: atitudes de professores diante de situações projetivas envolvendo comportamentos sexuais de alunos. *Diversidade e Educação*, v. 8, n. 1, p. 190-211, 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/11307/7823>. Acesso em: 28 maio. 2024.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Presidência da República, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13146.htm. Acesso em: 19 mar. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Diretrizes de atenção à pessoa com Síndrome de Down*. 1 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. p. 62. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_pessoa_sindrome_down.pdf. Acesso em: 19 mar. 2024.
- CASTELÃO, T. B.; SCHIAVO, M. R.; JURBERG, P. Sexualidade da pessoa com síndrome de Down. *Revista de Saúde Pública*, v. 37, n. 2, p. 32-39, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/6GNqhQDXbbn9Ft3S8ZQfGjC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 08 jan. 2024.
- ERCOLE, F. F.; MELO, L. S.; ALCOFORADO, C. L. G. C. Revisão integrativa versus revisão sistemática. *Revista Mineira de Enfermagem*, v. 18, n. 1, p. 9-12, 2014. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/pdf/reme/v18n1/v18n1a01.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2023.
- FIGUEIRÓ, M. N. D. Sexualidade e afetividade: implicações no processo de formação do educando. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.) *Educação sexual: em busca de mudanças*. Universidade Estadual de Londrina, p. 187-208, 2009. Disponível em: <https://maryneidefigueiro.com.br/files/uploads/507b25ee-30f5-4774-8e3f-7e8d6b98804d.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2023
- LEME, C. V. D.; CRUZ, E. M. T. N. Sexualidade e Síndrome de Down: uma visão dos pais. *Revista Arquivos de Ciências da Saúde*, v. 15, n. 1, p. 29-37, 2008. Disponível em: https://repositorio-racs.famerp.br/racs_ol/vol-15-1/IIIIIDDD%20268%20PDF.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.
- LUIZ, E. C.; KUBO, O. M. Percepções de jovens com Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente. *Revista brasileira de Educação especial*, v. 13, p. 219-238, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/TSqJt3vxBNNWVnkpJDK8ZRv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 jan. 2024.
- MAIA, A. C. B.; ARANHA, M. S. F. Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com

deficiência no contexto escolar. *Interação em psicologia*, v. 9, n. 1, p. 103-116, 2005. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/328066592.pdf>. Acesso em: 30 maio. 2024.

MOTA, C. P. Percepção dos pais sobre a vivência da sexualidade de adolescentes com síndrome de Down. *Enfermagem Brasil*, v. 12, n. 1, p. 5-13, 2013. Disponível em: <https://convergenceseditorial.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/3723/5727>. Acesso em: 29 maio. 2025.

NETO, R. G. L. et al. Percepção parental da sexualidade de adolescentes e jovens adultos com síndrome de down: uma revisão de escopo. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 34, p. 1123-1123, 2023. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1123/912. Acesso em: 19 mar. 2024.

PEREZ, P. E.; BARÓ, E. G. Estrategia de intervención educativa sobre la sexualidad en niños con el síndrome de Down. *Revista Cubana Medicina Genética Integrativa*, v. 25, n. 3, 2009. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?pid=S0864-21252009000300011&script=sci_arttext. Acesso em: 10 jan. 2024.

PRIOSTE, C. D. Educação inclusiva e sexualidade na escola: relato de caso. *Estilos da Clínica*, v. 15, n. 1, p. 14-25, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v15n1/a02v15n1.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2024.

RAMOS, B. B.; MÜLLER, A. B. Marcos motores e sociais de crianças com Síndrome de Down na estimulação precoce. *Revista Interdisciplinar Ciências Médicas*, v. 4, n. 1, p. 37-43, 2020. Disponível em: <https://revista.fcmmg.br/index.php/RICM/article/view/95/92>. Acesso em: 19 mar. 2024.

SILVA, D. C.; PAIXÃO, M. G.; VILELLA, D. V. A. L. Percepção das Mães Quanto à sexualidade de seu Filho Adolescente com Síndrome de Down. *Revista Ciências em Saúde*, v. 6, n. 2, p. 53-64, 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/309002767_Percepcao_das_Maes_Quanto_a_sexualidade_de_seu_Filho_Adolescente_com_Sindrome_de_Down_Perception_of_Mothers_Who_Have_Children_with_Down_Syndrome_Regarding_their_Teenage_Child's_Sexuality. Acesso em: 11 jan. 2024.

SILVA, N. L. P.; DESSEN, M. A. Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família. *Interação em psicologia*, v. 6, n. 2, 2002. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/f481/1629bdbd9fb60128660e9ce94b3e1faa71.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2024.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Departamento científico de genética. Diretrizes de atenção à saúde de pessoas com síndrome de down. 25 p. 2020. Disponível em: 22400b-Diretrizes de atenção a saude de pessoas com Down.indd (sbp.com.br). Acesso em: 15 maio. 2024.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 dez. 2023.

WAGNER, A.; NOVATTI, M.; PSICOASISTENCIAL SIARC, Centro. ¿Quién no quiere tener sexo? *Aesthetika*, v. 18, p. 71-77, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/372983714_AE_18E_impression. Acesso em: 10 jan. 2024.

ZUIN, L. F.; DENARI, F. E.; VICENTE, A. R. Sexualidade e deficiência: reflexões a partir de um curta metragem. *Ensino & Pesquisa*, v. 19, n. 2, p. 216-226, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/4285/2989>. Acesso em: 19 mar. 2024.

Recebido em: 22/03/2024

Aprovado em: 24/10/2024